

O novo pop indie do trio paranaense Capim-Limão

PÁGINA 4



Autor português Gonçalo Tavares debate no CCBB

PÁGINA 8



Pessoas com deficiência em protagonismo

PÁGINA 5



2º CADERNO



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Requentando uma panelada de arroz com lentilha, num papo com o Correio da Manhã, Marcus Vinícius Faustini evoca Ícaro, o sonhador grego que voou à força de asas postíças, até vê-las arder ao calor do Sol, levando-o a uma queda mortal. O mito é uma metáfora para o deslumbramento inerente à prática sem consciência da atividade artística, movida só pela vaidade em vez da transcendência.

Desde os anos 1990, quando peças teatrais como “Capitu” puseram seu nome em evidência nas artes cênicas, o diretor carioca egresso do Cesarão, em Santa Cruz, sempre se manteve atento ao espocar dos holofotes, para que o brilho deles não condenassem seu voo a uma queda.

Trabalhou sempre atento à máxima de Guimarães Rosa: “Viver é muito perigoso”. Seguiu ainda o conselho de um amigo quitandeiro (cinéfilo) de Bonsucesso, que lhe mostrou “O Espantalho”, de Jerry Schatzberg (Palma de Ouro de 1973) e sugeriu que prestasse atenção ao cinema americano dos anos 1970, para descobrir meios de fazer uma poesia que fosse realista e pop. Carrega consigo também uma dica aprendida nos versos de Manuel Bandeira, de que “sofrer por amor por mais de três dias é deselegante”. Com isso tudo na cachola, Faustini montou espetáculos de linha



Divulgação

Faustini dirige ‘Ana’ em concurso no Festival do Rio

Marcus Faustini, do Cesarão para as telas

Consagrado nos palcos e na literatura por olhares sobre a periferia, o realizador egresso de Santa Cruz volta aos filmes de ficção com ‘Ana’, na competição pelo troféu Redentor 2023

política (“O Filho do Presidente”), saudou suas origens com um livro cult (“O Guia Afetivo da Periferia”, também transformado em peça) e fez uma série de ações sociais. Rodou filmes (“Carnaval, Bexiga, Funk e Sombriinha” e “Vende-se Esta Moto”). Engendrou a Agência de Redes Para a Juventude, que formou gerações de jovens egressos de comunidade.

Fez uma gestão histórica como Secretário de Cultura, em Nova Iguaçu, no fim dos anos 2000, criando uma escola de cinema na Baixada. Em 2021, assumiu o mesmo posto num Rio de Janeiro fustigado pela pandemia, onde exerceu seu cargo (até janeiro) numa lógica democrática de inclusão como nunca se viu igual nesta metrópole, no esforço de preservação dos aparelhos culturais locais, abrindo-os para outras malhas da sociedade, sempre invisibilizadas. O Ícaro Faustini não se encanta pelo astro rei, mas, sim, pela resiliência. É dela que ele vai falar, neste Festival do Rio, em “Ana”, longa-metragem com fôlego de arrebatar miocárdios. Mistura de “O Grande Momento”, de Roberto Santos, com Ken Loach, a trama lembra “Rocco e Seus Irmãos” ao retratar o laço de fraternidade entre uma passeadora de cães (Priscila Lima, no que promete ser uma daquelas atuações de chapar o coco) e um jovem que se prepara para um show drag (Gustavo Luz, descrito como “A” promessa deste). Vinícius Oliveira, o guri de “Central do Brasil” (1998), dá em cena a atuação mais deslumbrante de sua carreira, numa síntese da rascância da vida sub-urbana.

Tem sessão do longa nesta quinta-feira (12), às 17h, na Estação NET Gávea, e na sexta, 10h30, no Odeon.

Continua na página seguinte

ENTREVISTA / MARCUS VINÍCIUS FAUSTINI, DIRETOR TEATRAL E CINEASTA

'O cinema é um desses óculos mágicos e poderosos que pode nos levar além'



Artista gestado na periferia carioca, o realizador Marcus Vinícius Faustini repassa sua trajetória, aprofunda a discussão sobre seu longa "Ana" e joga foco sobre os desafios da arte independente no Brasil. Confira a entrevista abaixo.

A que tradição do realismo social o seu "Ana" se filia e de que forma ele expande uma dramaturgia de laços com a sociologia que você persegue desde o teatro, nos anos 1990?

Marcus Vinícius Faustini: Eu diria que o "Ana" se filia a uma tradição de cinema independente que busca dar vida nas telas a personagens das classes menos favorecidas da sociedade e que vivem suas vidas marcadas pela experiência de circular nas cidades, em busca de trabalhos, de afetos... Eu tive que investir R\$ 150 mil do próprio bolso para conseguir realizar o filme. Raspei o porquinho. Mas, como não sou herdeiro de nada, teremos que batalhar muito para recuperar esse recurso. Isto não é um ato heróico e nem um capricho pessoal, é uma visão de que este tipo de filme que valoriza personagens, e suas vidas nas cidades, precisam existir. É um ato político, empreendedor e artístico. Isso tudo só foi possível

também por conta das parcerias que tive no filme, desde o produtor Cavi Borges - mago do fazer independente - até a equipe criativa e elenco. Acredito que um filme que valoriza personagens pode ser fundamental em uma nova comunicação que ajude a re-tecer o fragmentado tecido social brasileiro. Esse tipo de filme precisa existir. É assim que ampliamos os horizontes.

De que forma o seu cinema assume a cidade como personagem, a se julgar o fato de que a metrópole de onde parte - o Rio de Janeiro - vem sendo limitada, nas telas, historicamente, a um recorte situado na Zona Sul, sem atenção às periferias?

Essa hierarquização que valoriza imagens e vidas de partes mais favorecidas das cidades faz a indústria criativa do audiovisual deixar de produzir muitos conteúdos que poderiam aumentar os laços do nosso cinema com o público, além de ser um pacto perverso com a desigualdade escandalosa da sociedade brasileira. Precisamos olhar através dos olhos de personagens que vivem outras realidades, mas que convivem na mesma cidade que nós. O cinema é um desses óculos mágicos e poderosos que pode nos levar além. Quando faço cinema, teatro, literatura e até gestão de projetos sociais, sou profundamente marcado pelas questões sociais que acontecem nas grandes cidades. Cidades, seus personagens e ques-



tões sociais dizem respeito à minha experiência de vida, mas também é algo presente em todas as realizações culturais, artísticas e sociais que já me envolvi ou liderei. "Não é viagem", como diria Sabotage.

Cineastas bastante diversos como o malaio radicado em Taiwan Tsai Ming-liang ("O Sabor da Melancia") e Marcelo Piñeyro ("Plata Quemada") moldaram a sua forma de olhar a realidade,

o tempo e o espaço. Mas onde (e como) a poesia de um e a aspereza do outro te amparam em "Ana"?

Ana vive em uma região do subúrbio onde alguns vizinhos perseguem seu irmão Diego, que está descobrindo a cultura drag. Ela, chegando perto dos 30, trabalha em bicos, sendo passeadora de cachorros na Zona Sul. Tenta cuidar do irmão, pois a mãe morreu recentemente. Tem um casal de amigas feministas que a colocaram na terapia. Tem um namorado disfuncional. Aprende coisas sobre si ao longo do filme e enfrenta adversidades e perigos urbanos. Diante desses eventos, o filme propõe um olhar sobre como a delicadeza está sob pressão permanente da dureza da realidade. E não tem outro caminho, não tem fuga. É daí que temos que nos reinventar.

Você lança seu filme num festival que te serviu de espaço de formação, que te deu a vitrine da mostra Novos Rumos em sua longa de ficção de estreia: "Vende-se Esta Moto". O que o Festival do Rio traz de mais significativo para a sua forma de pensar o cinema e de se pensar no cinema?

Marcus Vinícius Faustini: Lançar o "Ana" na Premiere Brasil de Longas de Ficção é a realização de um sonho de menino. Cresci na periferia e sempre desejei fazer cinema, mas, ali nos anos 1980, não existiam políticas públicas que garantissem acesso ao ensino de cinema, de produção e realização audiovisual, nessas regiões. Fui escrever literatura porque só precisava da minha cabeça. A partir daí, fui fazer escola de teatro pra ganhar método, e isso mudou tudo. Aprendi a realizar... e cooperar. Durante muitos anos, as edições do Festival do Rio foram para mim a oportunidade de ver filmes diferentes e ampliar meu repertório. Certamente, viver a realização de ver o "Ana" no Festival do Rio é um dos momentos mais alegres da minha vida. Sou grato ao garoto que fui. Ele me trouxe até aqui.

Divulgação

Cada depoimento carrega uma memória'

O animador Javier Mariscal tinge a cidade com cores espanholas ao resgatar a vida de Tenório Jr.



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

A pesar da curta estada na cidade, o designer e animador valenciano Javier Mariscal, de 73 anos, aproveitou sua passagem em terras cariocas, na abertura oficial do Festival do

Rio no Odeon, na quinta passada, para dançar no palco do cinema, celebrar a beleza arquitetônica do Centro da cidade e aprender infâmias. A mais usada por ele: “O que tem de mais bonito em Niterói é a vista do Rio”. É uma forma que descobriu para fazer graças com o colega niteroiense Marcello Quintanilha, mestre das HQs, ganhador do troféu Jabuti por “Escuta, Formosa Márcia”, que foi seu parceiro na feitura da animação “Atiraram no Pianista”. O longa, que estreia no dia 26, abriu a maratona cinéfila.



Rodrigo Fonseca

Javier Mariscal: ‘Na animação o público faz um pacto com o que os desenhos nos mostra’

“Na animação o público faz um pacto com o que os desenhos nos mostra”, disse Mariscal ao Correio, na sede do festival, na Glória, ao comemorar o sucesso de vendas da HQ homônima basea-

da no filme, que tá vendendo aos baldes na Espanha. “Estamos em primeiro nas livrarias”.

Quem está no foco do quadrinho e do longa criados por Mariscal em duo com o cineasta

Fernando Trueba (de “Quero Dizer Que Te Amo”) é o ás do piano Tenório Jr. (1941-1976). Na virada dos anos 1970, em Buenos Aires, ele saiu para comprar um sanduíche, cigarros & afins e... sumiu, ou... foi sumido.

“Tenório foi desaparecido, torturado, destroçado, assassinado e esquecido. O mínimo que este filme poderia fazer era trazê-lo de volta”, diz Mariscal. “Ele não pode ser apagado da História. Foi grande demais em sua arte para isso ocorrer”.

Muita gente boa da MPB conta suas versões do desaparecimento, da ausência e do talento dele, incluindo Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, João Donato (que nos deixou faz pouco). Cada uma dessas celebridades aparece em cena versões animadas, mas com suas próprias vozes.

“Fiquei fascinado com a entrevista do Ferreira Gullar, que traz um relato impressionante”, conta Mariscal, sempre cheio de bom humor. “Cada depoimento carrega uma memória, o que nos exigia uma paleta diferente”.

OS IMPERDÍVEIS DE SEGUNDA

4 FILHAS DE OLFA, de Kaouther Ben Hania (Tunísia):

Chega enfim ao Rio o ganhador do troféu L’Oeil d’Or do Festival de Cannes, que consagra a melhor experiência documental da Croisette. Olfa é uma tunisiana mãe de quatro filhas. Um dia, suas duas filhas mais velhas desaparecem. Para preencher a ausência, a cineasta Kaouther Ben Hania convida atrizes profissionais e cria uma experiência única de metalinguagem, similar à de “Jogo de Cena” (2007), de Eduardo Coutinho, que desvenda as histórias de Olfa e sua família. Uma jornada íntima de esperança, rebelião, violência, transmissão e irmandade, que questiona os alicerces de nossas sociedades. Onde ver: Estação NET Rio 3, 16h15



4 Filhas de Olfa

A NATUREZA DO AMOR, de Monia Chokri (Canadá):

Um estudo avassalador sobre a incontinência do amor a partir das inércias que o prejudicam. Uma professora de Filosofia (Magali Lepine-Blondeau) passou dez anos mornos, mas, fiéis, ao lado de um namorado socialmente perfeito para seu status. Mas o convívio súbito dela com um pedreiro faz-tudo vai mudar sua forma de saber querer e de se deixar cuidar. Roteiro impecável. Onde ver: Kinoplex São Luiz 4, 18h30



A Natureza do Amor

VIDAS PASSADAS, de Celine Song (Coreia do Sul/ EUA):

Em cena, dois amigos de infância chegados à brincadeira de pera, maçã e salada mista na Ásia, quando crianças, Nora (Greta Lee) e Hae Sung (Teo Yoo), têm um reencontro em Nova York, que vai mexer com o coração de ambos. O problema é ela estar casada, e com um americano (papel do habitualmente insosso John Magaro). Sentimentos antigos despertam entre esses antigos camaradas, mas sob grillhões morais dos limites impostos pelo casamento e por tradições sul-coreanas. Algo se engasga entre os dois, num pacto de silêncio, de cumplicidade. É esse engasgo que faz o filme brilhar, a partir de diálogos arrebatadores, abrindo precedentes para uma investigação existencial dos personagens. Onde ver: Estação NET Botafogo, às 21h30



Vidas Passadas

CORREIO CULTURAL



Divulgação

O projeto Olhares Cariocas chega à verde e rosa

Manguieira aposta em jovens talentos no mundo digital

Sinônimo de tradição quando o assunto é samba, a Estação Primeira de Mangueira olha para seus herdeiros na direção da modernidade. A verde e rosa vai abrigar o projeto gratuito “Olhares Cariocas” a partir do dia 14, dando oportunidades de aprendizagem sobre o audiovisual e sobre novas tecnologias, principalmente, na

faixa etária dos 12 aos 18 anos de idade. Inscrições abertas para as oficinas audiovisuais. Há três anos a produtora cultural Ana Brites realiza o projeto no bairro da Mangueira e pela primeira vez na quadra da agremiação, que com o projeto deseja descobrir jovens talentos do audiovisual e das artes digitais na nova era do Metaverso.

Meia ilegal

O Lollapalooza foi notificado pela Secretaria Nacional do Consumidor por suposta violação da lei da meia-entrada. A denúncia é da União Nacional dos Estudantes, que constatou que o valor cobrado dos estudantes não é metade do ingresso.

Vaquinha

Víuvo de José Celso Martinez Corrêa, o ator Marcelo Drummond, agora diretor do Teatro Oficina, abriu uma vaquinha online para reformar o apartamento, onde vivia com o diretor e dramaturgo, incendiado em julho na região central de São Paulo.

Agenda

Recém eleito para a Academia Brasileira de Letras, o líder indígena Ailton Krenak abre no CCBB-RJ a programação do ciclo Futuro Presente de outubro, nesta quarta (11), às 19h, iniciando a comemoração dos 215 anos do Banco do Brasil.

A superchef

A brasileira Janaina Rueda, que comanda o restaurante A Casa do Porco, em São Paulo, foi nomeada como a melhor chef mulher da América Latina. Seu estabelecimento ocupa a 12ª posição no ranking mundial de melhores restaurantes.



O trio formado por Thito (vocal), Julio (vocal e guitarra) e JP (bateria) busca novos ares com o álbum ‘Tudo Azul’

Convite aos sentidos com sabor de capim-limão

Trio paranaense trabalha conexões em ‘Tudo Azul’, seu álbum de estreia

O som solar, pop e de boas vibrações do trio Capim-Limão é amplificado no seu primeiro álbum completo, “Todo Azul”. Se o nome da banda é um convite aos sentidos, o título de seu disco de estreia é, também, a tradução das sensações que as canções provocam: um misto de suavidade e melancolia, ancorada no otimismo dos céus mais limpos. O resultado é um trabalho que apresenta sua musicalidade versátil, moderna e plural.

“Todo Azul” reúne os singles já lançados - a faixa-título, “Não Saio” e “Planeta Para” -, todos ganhando destaque em playlists



Divulgação

das principais plataformas de streaming, marcando presença em gêneros como a Nova MPB e o Indie Brasileiro. Agora o trio formado por Thito (vocal), Julio (vocal e guitarra) e JP (bateria) busca novos ares.

“‘Todo azul’ não é apenas o nosso primeiro disco, é um con-

vite pra refletir nossos sonhos e mesclá-los com aquilo que somos de fato, é a vontade de se conectar com esse planeta azul que ao mesmo tempo é gigante porém ínfimo em relação ao universo, assim como nós. Esse disco é um brinde à insignificância e tudo que ela nos abre de possibilidades de viver e existir. ‘Todo azul’ fala de amor, angústias, chegadas e partidas. Foi uma jornada intensa e divertida conceber ele e essa carta é um convite pra vocês entrarem nessa onda com a gente, passear nesse sonho”, conta Thito.

O projeto segue a colaboração que Capim-Limão lançou este ano, “Vou Te Convidar”, faixa em parceria com o músico Saudade, e mostra uma evolução sonora da banda. Com uma trajetória que começou em 2020, em Curitiba, o grupo já vinha chamando a atenção do público com seu EP “Essa Questão de Sermos Dois”.

Agora, a trajetória da Capim-Limão vai mais longe com um álbum ousado e que mostra sua capacidade de traduzir em canção os anseios de uma geração em busca de amor e conexão. “Todo Azul” está disponível em todas as plataformas via Ditto Music.

Corpos que rompem a bolha da invisibilidade

Renato Mangolin/Divulgação

Em cartaz até o fim do mês, espetáculo 'Meu Corpo Está Aqui' dá protagonismo a pessoas com deficiência

“Meu Corpo Está Aqui” é um espetáculo teatral inédito baseado nas experiências pessoais de Bruno Ramos, Haonê Thinar, Juliana Caldas e Pedro Fernandes, atrizes e atores PCDs (pessoas com deficiência), em que eles próprios estão em cena falando abertamente sobre seus relacionamentos, seus corpos, seus desejos.

Uma mistura de depoimentos ficcionalizados por Julia Spadaccini, também pessoa com deficiência, em parceria com Clara Kutner, retratando o jogo entre as pulsões e os obstáculos que se apresentam nas descobertas e nas experiências de afeto e sexualidade em corpos PCDs. Um tema original e inédito nos palcos, que se aprofunda na reflexão desses corpos invisibilizados socialmente.

Com texto e direção de Julia Spadaccini e Clara Kutner, direção de produção de Cláudia Marques, o espetáculo está em cartaz no Teatro Gláucio Gill ao longo deste mês. No elenco, Bruno Ramos e surdo não oralizado, Haonê Thinar e pessoa amputada, Juliana Caldas tem nanismo e Pedro Fernandes tem paralisia cerebral com cognitivo preservado e é usuário de cadeira de rodas.

“O nosso corpo é um importante veículo de comunicação. É através dele que expressamos nossos desejos, nossas angústias e nossas satisfações. Estar com o corpo presente e pleno é fundamental para se sentir segura e potente. Seja qual corpo for, de que forma for, de que tamanho for. O corpo é a nossa identidade, a nossa assinatura visível”, afirma Cláudia Marques. “O encontro com esses atores e com essas histórias me dá a oportunidade de colocar o meu trabalho a serviço desta pauta



Meu Corpo Está Aqui é um espetáculo é baseado nas experiências pessoais dos atores Bruno Ramos, Haonê Thinar, Juliana Caldas e Pedro Fernandes

tão necessária e urgente e isso me traz muita satisfação. Estar a frente de um projeto desta relevância é uma grande responsabilidade, um grande aprendizado, uma grande realização”, destaca.

Apagamento

Na peça a ficção entra como um elemento reflexivo, pelo fato de conectar o público com as semelhanças que existem entre todos nós e que são encobertas pelo preconceito e pela falta de conhecimento. Pessoas com deficiência vivem em um corpo e em uma essência que é viva. Não precisam desfrutar de suas histórias no silêncio, nem ser infantilizadas em tentativas de apagamento que remontam a concepções culturais e históricas a respeito do que é considerado “normal”.

“Pensei nesse projeto há mais de três anos. Esta sendo uma realização pessoal muito grande, tendo em vista que trabalho há mais de 20 anos escrevendo teatro e, pela primeira vez, fazendo uma dramaturgia voltada para uma questão que também me inclui. Ser uma autora PCD e estar num projeto onde todos em cena também são, e uma vivência de vasta

inclusão”, observa Julia Spadaccini, que é deficiente auditiva. “Precisamos de PCDs protagonizando filmes, peças, programas de TV. Especialmente num cenário de amor e sexo. A peça vem para jogar luz, justamente, nessa grande invisibilidade que acomete o corpo com deficiência, seus desejos, amores e sexualidade”, defende a autora.

Em 2018, Clara Kutner iniciou parceria com o artista visual e consultor de acessibilidade Emanuel de Jesus para o projeto Acessibilidade em Movimento, onde se relacionaram com pessoas que trabalham nas questões em torno do tema inclusão na arte de forma muito diferente, uma via de mão dupla sempre. A partir da ideia de outrar, que é a necessidade de se colocar no lugar do outro para viver em coletividade, surgiu SOM, uma coreografia para surdos, instalação vibratória que ficou exposta no Oi Futuro, em 2019, e uma série de videodança chamada Já! Hoje o projeto e uma companhia de dança formada por bailarinos surdos que dirige e está em criação de um novo espetáculo.

“Quando Julia me convidou para essa parceria foi incrível pois tratar de sexualida-

de é um assunto que também tem ganhado para mim grande importância nos meus trabalhos. Como minha formação em dança e teatro presente em tudo o que faço no teatro e no audiovisual as cenas com movimento e contato físico sempre me interessam muito”, lembra Clara Kutner. “Penso o ‘Meu Corpo Está Aqui’ como uma peça desejo-manifesto onde os atores se misturam, se embolam, celebram seus corpos, com algumas histórias tristes, uma dose alta de ironia e muitas perguntas que não temos como responder. Queremos levantar questões e embaralhar a lógica da eficiência”, afirma Clara.

Durante a temporada, todas as sessões terão intérprete de Libras e acessibilidade para autistas, e uma sessão com áudio descrição no dia 23.

SERVIÇO

MEU CORPO ESTÁ AQUI
Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana)
Até 30/10, segundas e sábados (20h) e domingos (19h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

CANTO DA CRÔNICA

LUÍS PIMENTEL
JORNALISTA E ESCRITOR
luispime@gmail.com

Ofício de escrever

O ofereço esta crônica a todos aqueles que se dedicam ao espinhoso e delicioso ofício de escrever. Seja por obrigação (jornalistas), devoção (escritores) ou curtição (amadores e diletantes).

Pincei e ofereço graciosamente algumas dicas primorosas, de gigantes da palavra (em prosa e em verso): o patricio e mestre absoluto Graciliano Ramos; os craques mexicano, argentino, inglês e norte-americano Juan Rulfo, Jorge Luiz Borges, James Wood e Willian Faulkner, respectivamente; além do cronista Luiz Fernando Verissimo e do poeta João Cabral de Melo Neto.

Vamos primeiro ao bom e velho Graça, que disse assim:

“Quem escreve deve ter cuidado para a coisa não sair molhada. Quero dizer que da página que foi escrita não deve pingar nenhuma palavra, a não ser as desnecessárias. É como pano lavado que se estira no varal. Naquela maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lava. Molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Depois colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Depois batem o pano na laje ou na pedra limpa e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar com ouro falso, a palavra foi feita para dizer.”

E a dica de Rulfo, o autor do fundamental romance “Pedro Páramo” e do volume de contos “Chão em chamas”, ambos traduzidos divinamente aqui por Eric Nepomuceno:

“No começo, você deve escrever levado pelo vento, até sentir que está voando. A partir daí, o ritmo e a atmosfera se desenham sozinhos. É só seguir o voo. Quando você achar que chegou aonde queria chegar, é que começa o verdadeiro trabalho: cortar, cortar muito.” Parece fácil, não é? Quem dera.

Verissimo, que até brincando com as palavras ensina e diverte, brincou assim numa crônica: “A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo: dizer “escrever claro” não é certo, mas é claro, certo?”. Certo, claro. Mas, como certo ou errado nem tudo o que se escreve é publicado, gosto dessa do mestre Borges, sobre o ato de publicar, que escritores tanto apreciam: “Publicamos para não passar a vida corrigindo rascunhos. Quer dizer, a gente publica um livro para livrar-se dele”.

E vamos à receita deliciosa de João Cabral, para fechar a crônica e abrir o dia com poesia: “Catarrax se limita com escrever: / joga-se os grãos na água do alguidar / e as palavras na folha de papel; / e depois, joga-se fora o que boiar. / Certo, toda palavra boiará no papel, / água congelada, por chumbo seu verbo: / pois para catar feijão, soprar nele, / e jogar fora o leve e oco, palha e eco.”

Então, é isso. Fica combinado que o leve, o oco, a palha e o eco não servem para nada mesmo; nem na panela nem no papel.



A decisão tomada pela Netflix teve ampla rejeição

Novas regras na Netflix afastam assinantes

Plataforma tem aumento de 78% em buscas por cancelamento após fim de compartilhamento de senhas

Por Gabriel Vaquer (Folhapress)

A Netflix teve um aumento de 78% no número de buscas por cancelamento de assinatura após colocar em prática o fim do compartilhamento de senhas no mercado brasileiro. O estudo é da agência de inteligência Tunad. O Globoplay chegou a ter queda na média de buscas pelo encerramento.

Em uma análise das buscas relacionadas ao cancelamento de assinaturas dos maiores serviços de streaming do Brasil, a agência identificou um movimento interessante, no qual as mudanças de preços e as cobranças adicionais anunciadas pelas plataformas de streaming tiveram um impacto significativo nas buscas relacionadas ao cancelamento de assi-

naturas.

Em janeiro de 2023, o Globoplay anunciou um pequeno ajuste em seus preços. Naquele momento, a plataforma teve o maior aumento nas buscas relacionadas ao cancelamento, chegando a 26%, enquanto o Prime Vídeo teve uma queda de 42% e a Netflix registrou um pequeno aumento de 3%.

Já a Netflix, que anunciou a cobrança adicional pelo compartilhamento de senha em maio deste ano, e o Amazon Prime Vídeo, que anunciou o reajuste nos preços no mesmo mês, apresentaram os maiores picos de buscas relacionadas ao cancelamento.

A Netflix registrou um aumento de 78%. O Prime Vídeo teve um aumento de 65%. Já o Globoplay teve uma queda de 7% nas buscas relacionadas ao cancelamento durante o mês.

Outros streamings conhecidos do público, como HBO Max, Disney +, Star + e Paramount +, entre outros, não foram analisados.

A Netflix foi a marca que apresentou a maior média de aumento nas buscas por cancelamento de assinatura (14%) durante todo o ano até setembro, enquanto o Globoplay foi o único serviço de streaming a apresentar queda (1%) nas buscas por cancelamento.

Para Ricardo Monteiro, COO da Tunad, a situação se explica pelas diversas plataformas que existem hoje em dia. O assinante decidiu, na visão dele, assinar somente o que é prioritário.

“O brasileiro não consegue sustentar mais do que dois a três serviços de streaming. Ou seja, o aumento de custos como esse pode gerar churn (métrica que mostra o número de clientes que cancelam serviço em um determinado período de tempo), devido a situação financeira das famílias do nosso país”, afirmou.

CRÍTICA / RESTAURANTE / PESQUEIRO

Rodrigo Galvão/Divulgação

Pra fazer feliz a quem se ama

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Ainda existem na costa carioca, mar batendo de um lado e de outro a vegetação praiana, um carro de quando em vez. Chega-se a um quiosque super bem montado, pescados frescos, serviço perfeito, equipe de primeira. O Pesqueiro é mais do que um cantinho à beira mar.

Fomos recebidos pela gerente Natyelle e pela chef Monique Giabatti que formula o menu, os

clássicos, em estado de pureza ou revisitados, e também excelentes criações. Começamos por uma versão brasileira do clássico Platô de frutos do mar. Pérolas do mar são praticamente um mergulho em todos os melhores sabores, composições e frescor. Salpicão de lagosta em sua calda, dupla de cruído de vieira com flor de sal, raspas de limão siciliano e azeite trufado, ostras com limão siciliano, tartar de salmão com molho Nikkei, ceviche peruano com banana da terra, vinagrete de polvo e vinagrete do mar. Encantamento que ficou



Tuna Salad, Caesar Salad de camarão, burrata e carpaccio de mignon

maior com as ostras e vieiras vindas da Ilha Grande. Praticamente se comeu do barco, acompanhado de pão de limão siciliano e torradinhas de focaccia.

Depois, Robério, gentilíssimo, trouxe o prato preferido da famí-

lia: Camarão com Catupiry e arroz a la grega. Sr. Pinheiro Alves, que divide as merendas desde sempre logo confirmou: a milanesa de panko, o tamanho e a textura dos camarões graúdos, foi feita para se mergulhar no fondue de catupiry

ou se misturar no arroz com tudo certo, picadinho, até o presunto em cubos. A invenção de chef Beto é o melhor jeito de se comer esse prato. E logo resolvemos: é a nossa receita, pois chef Ronaldo nos deu o segredo.

O vinho foi um argentino, geladíssimo, que o maitre Sebastian nos indicou. Como bom sommelier, trouxe um chardonnay sequinho. E o Bora Bora, três tipos de rum, xarope de baunilha, açúcar mascavo e especiarias, é uma escultura dentro do abacaxi. E como nos amamos, voltaremos muitas vezes.

SERVIÇO

PESQUEIRO

Avenida Lúcio Costa, s/nº, Ilha 25, Praia da Reserva - Barra da Tijuca. Tel: (21) 99995-4794 / 99512-1112

De domingo a quarta (11h às 22h) e de quinta a sábado (11h às 23h30h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Divulgação



Vegana de qualidade

Quer comida de rua vegana de qualidade? Experimente a moqueca de banana da terra da Affrika Gourmet. Ótima opção, mesmo para quem gosta de proteína animal. Preparada no azeite de dendê, acompanhada de farofa de alho que o açafrão ressalta os sabores do prato. Edinilza Santos, no mercado há oito anos, usou de toda sua criatividade para reinventar receitas típicas da culinária brasileira, tudo com muito sabor e 100% veganas. Edinilza costuma levar suas criações a eventos variados como feiras, casamentos, aniversários. @Affrika Gourmet.

Ostras no Peixoto Sushi

Uma combinação consagrada são ostras com espumante. Todas as quintas-feiras o Peixoto Sushi, do Leblon, recebe as deliciosas ostras frescas, onde são preparadas pelo chef Williams Souza. São seis ostras frescas com molho do chef, finalizadas com ovas de massago - nome japonês dado às ovas do capelim que significa "areia muito pequena", justamente por seu tamanho bastante minúsculo. Ideal para horário noturno, por ser considerado um fruto do mar afrodisíaco, explica o chef (21) 99839-3895. @peixotodeli

Divulgação



Divulgação



Cozinhe como um chef

Criada por Rafa Costa Silva, o estrelado chef do Lasai e mentor do Mestre do Sabor, Tempera traz em seus quatro sabores (carne, ave, peixe e verduras) a cozinha de um grande chef. Os temperos, exclusivos das Casas Pedro, podem ser utilizados no preparo ou na finalização de uma receita. "Cozinhar é transformar até o mais simples jantar em um momento especial em família, através da utilização dos temperos certos. A linha Tempera vem para trazer produtos naturais, sem conservantes e versáteis da culinária para sua casa", comenta Rafa.

ENTREVISTA / GONÇALO M. TAVARES, ESCRITOR

‘O papel da arte não é ser uma massagem para relaxar’

Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Entre os romancistas lusófonos que edificaram sua prosa sobre os escombros do jugo colonial, usando o Tempo como argamassa, Gonçalo Manuel de Albuquerque Tavares é dos que mais (e melhor) descortinam lirismo na ontologia de modos de ser e estar onde a solidariedade pode brotar das ruínas mais sombrias. “Uma Menina Está Perdida No Seu Século À Procura do Pai” é um desses muitos (bons) livros dele que retratam o esboçar do amor no colapso civilizatório.

É o livro que o escritor - nascido na Luanda de 1970 e radicado em Portugal na sequência - vai debater no Centro Cultural Banco do Brasil nesta quarta-feira (11), às 17h30, no já tradicional Clube de Leitura CCBB, evento gratuito, organizado sob a curadoria da poeta e professora Suzana Vargas. Os ingressos disponíveis na bilheteria do CCBB ou pelo site bb.com.br/cultura a partir das 9h do dia do encontro.

Qual é a relevância de eventos como o Clube de Leitura no CCBB para a oxigenação de seu contato com os leitores?

Gonçalo M. Tavares: Penso que o contato com os leitores, principalmente após eles lerem os livros de maneira concreta, é interessante, por levantarem questões por vezes de um ponto de vista diferente. Nesse aspecto, muitas vezes, há umas perguntas boas que nos fazem repensar alguns caminhos do nosso trabalho.

A que mitologias do povo lu-



sófono, de uma língua que contaminou parte do mundo via mar, a sua obra se reporta?

Escrevi “Uma Viagem à Índia”, esse, sim, um livro que dá voltas na epopeia de “Os Lusíadas”. É uma espécie de epopeia triste, de micro fações, passada no século XXI. É uma epopeia de um micro herói, um anti-herói, e me interessava pensar nessas utopias modestas que o século XXI nos permite. Não olho para a História de Portugal nesse sentido mais mitológico. Olho mais num sentido de como

a língua nos permite pensar. Nesse aspecto, a língua portuguesa de Portugal está misturada, e bem, com o português falado no Brasil e o português falado em Angola, por toda a África. Esta língua está sempre a mudar. Está sempre mais forte, inclusive com essas contaminações boas.

Que guerras, reais e imaginárias, compõem “Uma Menina Está Perdida No Seu Século À Procura do Pai”? A que tradição a sua II Guerra se reporta?

É a história de uma menina com 14 anos que está sozinha, perdida. Há um homem, um estranho, que talvez seja um sujeito perigoso, mas que, surpreendentemente, vai ajudar a menina a procurar o pai, por várias cidades de uma Europa pós-segunda guerra. Há um hotel estranho com nomes de campos de concentração. Ele replica o mapa de localização dos campos nazistas. É um livro que tem a ver com algo muito biográfico, no sentido de ser uma menina à procura do pai. Uma situação quase que de pai para filha e de filha para pai. Algo que parece quase a vida doméstica de todo mundo. Mas essa procura pelo pai, freudiana, faz com que alguns leitores se perguntem se esse pai existe ou se é uma fantasia. Essa procura tem por paisagem a história do século XX.

Que perversão reside no limite entre ensaio, filosofia e ficção, que entram em fricção na sua forma de escrever?

A literatura é uma mistura de tudo. Um texto pode ser também ensaísta, pode pensar, pode refletir, pode ter poesia, pode ter tudo. Gosto muito da palavra “texto” que o Roland Barthes usa, por sugerir que, de alguma maneira, essa expressão pode vir a ser tudo, depois chamamos de poesia, ou do que quisermos. Não me interessa a literatura fácil, de apenas contar historinhas para entreter. O papel da arte não é ser uma massagem para relaxar. Pelo contrário, deve ser para acordar, para despertar. Espero que seja um livro para desassossegar e acordar as pessoas.

Há um lugar muito peculiar para o Tempo na sua escrita de verbos de ação. Qual é o tempo da solidão da escrita e do personagem?

Minha escrita sempre há vários tempos. Eu escrevo rápido, mas, depois, demoro muito tempo para rever, a cortar, até ficar sintético. Ao mesmo tempo, há o tempo da narrativa. Há uma coisa incrível de a

gente, no século XXI, estar a escrever sobre o passado colonial pós-II Guerra. Essa é a grande liberdade da ficção que não podemos perder, é a possibilidade de um escritor se colocar na cabeça de outras pessoas, por exemplo. Pôr-se em outros tempos, em outros espaços. Nós podemos imaginarmos enquanto narradores na cabeça de qualquer pessoa.

O que a consagração traz de afago, de risco e de vívido a um escritor que, como o senhor, angariou o elogio de Saramago e da crítica?

Sempre me sinto muito honrado quando dão atenção aos meus livros e sentem que eles trazem alguma coisa de bom ou de forte. É evidente que o Saramago, no que ele disse sobre o meu trabalho, com coisas tão simpáticas e extraordinárias, tão fortes, fez eu me sentir muito reconfortado. Ouvir impressões de grandes autores, espanhóis e brasileiros, é bom. Essa ideia de ser lido pelos pares, outros escritores, é muito bonito, porque eles sabem da dificuldade de escrever um livro forte após anos de tradição. É um carpinteiro dizer que outro carpinteiro está a fazer um belo trabalho. É uma energia diferente que se recebe, muito boa.

O que a dimensão inaudita de conexão entre Hanna e Marius revela da solidariedade?

A ligação entre Ana e Mário é surpreendente. Como duas pessoas distintas podem se tornar companheiras. Como um homem como Mário, alguém que está no limite do criminoso, a fugir, pode, de repente, parar sua vida e ganhar afeto por uma menina, como se fosse seu pai. Essa solidariedade imprevista é qualquer coisa que está presente no humano. Muitas vezes o pior dos humanos se mostra muito solidário. Temos o oposto disso também: os que parecem muito companheiros se mostram seres humanos terríveis. A bondade e a maldade, a compaixão e o desprezo, surgem da maneira diferente de como se prevê.